

Manual da Ferramenta Reflexiva para Sustentar o Raciocínio Profissional em Terapia Ocupacional

Laysla Demonari Gomes
Taís Quevedo Marcolino
Sabrina Helena Ferigato

São Carlos
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

**Manual da Ferramenta Reflexiva para Sustentar o
Raciocínio Profissional em Terapia Ocupacional**

Laysla Demonari Gomes

Taís Quevedo Marcolino

Sabrina Helena Ferigato

© 2021 by Laysla Demonari Gomes, Taís Quevedo Marcolino, Sabrina Helena Ferigato.

Direitos dessa edição reservados à Comissão Permanente de Publicações Oficiais e Institucionais – CPOI.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização expressa do Editor.

Projeto Gráfico e Editoração eletrônica: Romerito Pontes.

Revisão Gramatical e Ortográfica: Ana Carolina Drumond Couto.

Normalização e Ficha Catalográfica: Marina P. de Freitas CRB-08/6069

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Gomes, Laysla Demonari.

Manual da ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em Terapia Ocupacional / Laysla Demonari Gomes, Taís Quevedo Marcolino, Sabrina Helena Ferigato. – São Carlos: UFSCar/CPOI, 2021.

24 p.

ISBN – 978-65-86558-41-8

1. Terapia Ocupacional. 2. Raciocínio clínico. 3. Prática profissional. I. Título.



Realização:

Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, Laboratório de Terapia Ocupacional e Saúde Mental – La Follia.

Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitor

Maria de Jesus Dutra dos Reis

Financiamento:

Financiamento 001 - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Financiamento 2017/03195-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Federal de São Carlos (Financiamentos 23112.003780/2012-20, 23112.004575/2013-62, 23112.003680/2014-65, 23112.001361/2016-87)
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq/UFSCar)

RESUMO

Este manual oferece informações para o uso de uma ferramenta reflexiva para sustentar processos de raciocínio profissional em terapia ocupacional. A ferramenta reflexiva foi desenvolvida em duas pesquisas, em parceria com terapeutas ocupacionais, que atuam no contexto da Atenção Básica à Saúde, no Estado de São Paulo, Brasil. A ferramenta reflexiva está estruturada em sete domínios que auxiliam a(o) terapeuta ocupacional a organizar as informações coletadas, em torno das necessidades das pessoas que estão sob seu acompanhamento, possibilitando processos de reflexão sobre as informações que possui da situação atual das pessoas e sobre quais caminhos podem ser possíveis, na perspectiva do cuidado em terapia ocupacional. Os domínios e as questões da ferramenta apresentam termos amplos e genéricos do núcleo profissional, o que permite a sua utilização por profissionais que se embasam em diversos referenciais teórico-metodológicos. A ferramenta deve ser utilizada somente por terapeutas ocupacionais, ressaltando-se que não foi desenvolvida como um instrumento de coleta de informações e nem para o uso público, como anexação em prontuários. O principal objetivo desta ferramenta é oferecer uma estrutura para a reflexão sobre a prática profissional e a sustentação de processos de raciocínio profissional.

Palavras-chave: terapia ocupacional, raciocínio clínico, prática profissional

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	6
2 HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA.....	7
3 REFERENCIAIS TEÓRICOS DA FERRAMENTA.....	10
4 ESTRUTURA DA FERRAMENTA.....	11
4.1 Domínios e Questões.....	13
5 A FERRAMENTA REFLEXIVA.....	20
6 ADVERTÊNCIA.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 APRESENTAÇÃO

“O que a pessoa em acompanhamento traz como queixa é sua necessidade? Como saber do que ela precisa para que o seu "problema" seja resolvido? Qual o escopo de nossa prática?”

O raciocínio profissional tem sido investigado como forma de compreender a prática profissional, ocupando um lugar importante de integração entre conhecimentos teóricos e a experiência adquirida empiricamente. Pode ser definido como um processo complexo, multifacetado, tácito, imagético e fenomenológico que, nas condições de incertezas da prática, possibilita que o profissional tome decisões clínicas responsáveis e éticas (BROEIRO, 2014; HIGGS; JENSEN, 2019; MATTINGLY, 1991; SCHELL, 2018). Há diferentes tipos de raciocínio descritos na literatura, os quais apresentam diferentes focos (raciocínio científico, diagnóstico, procedimental, narrativo, interativo, pragmático, ético), a depender de qual aspecto a atenção do profissional está voltada (MARCOLINO, 2014).

Estudos sobre raciocínio profissional favorecem apreender aspectos da prática profissional, as decisões e ações tomadas por terapeutas ocupacionais. Como uma parte integrante do raciocínio profissional, o processo de identificação de necessidades pode ser considerado o primeiro passo para a intervenção em terapia ocupacional. Compreender as necessidades das pessoas acompanhadas em terapia ocupacional é um processo complexo, que abarca uma análise contextualizada de cada pessoa em sua situação atual, com as informações obtidas em dado momento.

Em pesquisa sobre a investigação da prática em terapia ocupacional, realizada em parceria com terapeutas ocupacionais que atuam no contexto da Atenção Básica à Saúde (ABS), de uma cidade de médio porte, do interior do Estado de São Paulo, no Brasil, foi desenvolvida uma ferramenta que busca auxiliar o processo de reflexão sobre os casos e sobre as necessidades das pessoas acompanhadas em terapia ocupacional (MARCOLINO et al., 2020). Em pesquisa posterior, essa ferramenta foi analisada em seu conteúdo e aplicabilidade, tornando sua utilização mais prática (GOMES, 2021).

Este manual contém informações sobre o histórico do desenvolvimento da *ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional*, seu referencial teórico, a descrição dos domínios e questões, e um código QR, no qual a(o) profissional pode ter acesso e utilizar a ferramenta. A ferramenta deve ser utilizada **somente** por terapeutas ocupacionais. Embora a ferramenta reflexiva tenha sido desenvolvida e melhor delineada no contexto da ABS, um dos resultados do estudo de sua aplicabilidade indica que ela pode ser utilizada em outros contextos de prática (GOMES, 2021). Ressaltamos, entretanto, que a ferramenta reflexiva não foi desenvolvida para ser utilizada como um instrumento de coleta de informações, como no processo de anamnese, e nem para uso público, como anexação em prontuários. O principal objetivo desta ferramenta é oferecer uma estrutura para a reflexão sobre a prática profissional e sustentação de processos de raciocínio profissional.

2 HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA

O projeto inicial - Comunidade de Prática: a prática de terapeutas ocupacionais em serviços de Atenção Básica à Saúde, com foco na saúde mental.

Uma Comunidade de Prática (CoP) abarca a constituição e o desenvolvimento de um projeto comum, por meio de um processo de participação ativa, que constrói e molda o conhecimento a todo tempo, através do diálogo consigo mesmo e com os demais, além de encorajar os participantes a refletir, pesquisar, analisar e avaliar, coletivamente, suas próprias ações, valores e conhecimentos (WENGER, 1998). O conhecimento prático é reconhecido como uma participação competente e resolutiva na prática, dentro de um regime local de competência e, também, sob a influência de aspectos globais. Desse modo, o que é central para uma CoP abarca um determinado domínio do conhecimento e uma comunidade de pessoas que se preocupam com esse domínio, em compartilhar e refletir sobre práticas que garantam a sua maior efetividade (WENGER, 1998).

No projeto em que decorreu a construção da ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional, foi analisada a prática de terapeutas

ocupacionais, no contexto da ABS. O início desta CoP deflagrou-se quando terapeutas ocupacionais começaram a desenvolver ações de ensino, como preceptoras ou supervisoras dos estágios do curso de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Para o desenvolvimento da função de preceptoria, as terapeutas ocupacionais reuniam-se mensalmente, com docentes da UFSCar, para atividades de educação permanente. Esses encontros, em sua maioria, estavam voltados para discutir ações pedagógicas, acompanhar o desenvolvimento dos alunos, planejar conjuntamente ações de campo e ações teórico-reflexivas, na Universidade (BARBA et al., 2012). Entretanto, ao discutir questões próprias do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, as terapeutas ocupacionais também traziam dilemas sobre a própria prática profissional e demonstraram o desejo de conversar sobre o que faziam e como estruturavam o trabalho na ABS. Em vista disso, o grupo solicitou um espaço para reflexões e estudos sobre a prática, resultando na proposta de uma atividade de extensão e de uma pesquisa colaborativa.

O projeto de pesquisa-ação "Comunidade de Prática: a prática de terapeutas ocupacionais em serviços de Atenção Básica à Saúde, com foco na saúde mental", iniciou-se em 2013 e desenvolveu-se em três etapas. A primeira etapa (2013-2014) teve como foco os desejos e as expectativas das profissionais para participar da CoP e as dificuldades vivenciadas na prática. Uma das principais dificuldades identificadas foi a fragilidade em nomear procedimentos específicos da terapia ocupacional na ABS, devido à ausência de uma linguagem de "terapia ocupacional", e isso se tornou foco da etapa seguinte (MARCOLINO et al., 2016; MARCOLINO et al., 2020).

Na segunda etapa (2014-2015), as participantes elegeram investigar suas práticas com foco nos processos de identificação das necessidades das pessoas acompanhadas em terapia ocupacional. Para isso, utilizaram estratégias para fomentar a reflexão sobre suas práticas, como reuniões presenciais, interações por e-mail e entrevistas individuais nos locais de trabalho. A análise de todo o material produzido nesse período resultou em uma lista de 32 sentenças, avaliadas pelas terapeutas ocupacionais quanto ao nível de concordância. Desta lista, 18 obtiveram concordância integral, 11 mostraram concordância com ressalvas e 3 sentenças revelaram discordâncias. Em uma reunião presencial, o grupo discutiu cada afirmação, identificando dissonâncias menores, modificando

as sentenças e excluindo uma delas, até que um acordo fosse alcançado. Os resultados dessa etapa elucidaram que o raciocínio de identificação de necessidades em terapia ocupacional é construído: 1. por associações de diferentes informações, em um processo implícito, como um “quebra-cabeça”; 2. por meio da observação e da escuta, não somente das atitudes e falas, mas também do sujeito em atividade e em suas relações; 3. com a participação do sujeito, assentado em um processo de levantamento de informações pela terapeuta ocupacional, em constante relação com o que o sujeito retorna a ela, a partir de suas intervenções - seja quando ela diz, diretamente, o que pensa sobre as necessidades do sujeito, seja quando o sujeito diz dessas necessidades, confirmando ou trazendo novos elementos às hipóteses da terapeuta ocupacional; 4. ao analisar o problema apresentando, de forma ampla e contextualizada, além de identificar aspectos saudáveis e positivos (possibilidades, gostos, desejos e habilidades) e problemas/dificuldades do sujeito, ou das repercussões da situação ocorrida (por exemplo, a patologia) na vida; 5. considerando-se disjunções entre as queixas trazidas pelos sujeitos e as necessidades, ainda como hipóteses, identificadas pela(o) terapeuta ocupacional (ULRICH, 2015; MARCOLINO et al., 2020).

A partir desses resultados, deu-se início à terceira etapa da pesquisa-ação (2016-2017), na qual as participantes escolheram desenvolver ferramentas que ajudassem a descrever o processo de identificação de necessidades, em uma linguagem da "terapia ocupacional", com a elaboração de três instrumentos. Para a construção dos instrumentos, a CoP elegeu alguns itens que considerou mais relevantes no processo de identificação de necessidades das pessoas em acompanhamento, a saber: como o sujeito se compreende e como é compreendido; as relações interpessoais; como o problema é compreendido; a repercussão do problema no cotidiano; as atividades no cotidiano, tanto as que são valorizadas e consideradas com bom desempenho, como as de difícil realização; a circulação e as relações no território e na cidade; os projetos para o futuro; o que considera importante para superação dos problemas; e, como compreende que a terapia ocupacional pode ajudar.

O primeiro instrumento contém uma lista de questões como guia para entrevistas iniciais. Os dois outros instrumentos foram construídos em formato de matriz. Em etapa posterior, durante a realização da pesquisa de mestrado

intitulada “Vamos refletir sobre a prática? Apresentação de uma ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional”, desenvolvida por Laysla Demonari Gomes, no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, houve integração desses dois instrumentos na *ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional* (GOMES, 2021). Nessa pesquisa, 11 terapeutas ocupacionais que atuavam em serviços da ABS, no estado de São Paulo, no Brasil, utilizaram e analisaram a ferramenta, sugerindo acréscimos e modificações para seu aprimoramento.

3 REFERENCIAIS TEÓRICOS DA FERRAMENTA

A *ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional* foi produzida em um processo de negociação de significados sobre a prática e sobre o que é comum à prática, exigindo um esforço de produzir algo que pudesse dialogar com diferentes referenciais teórico-metodológicos.

O estudo do trabalho de Mattingly (1991), sobre raciocínio narrativo em terapia ocupacional, foi um dos elementos que favoreceu uma maior coesão do grupo em torno dos elementos comuns de suas práticas. O raciocínio narrativo é definido como o modo com o qual terapeutas ocupacionais pensam sobre seus casos, voltando-se para a experiência do sujeito em relação ao que lhe ocorreu e ao impacto disso no cotidiano. Esse pensamento é construído ao contar histórias para pensar sobre os casos e construir histórias com a pessoa em acompanhamento (MATTINGLY, 1991).

Outro achado importante para a construção do *comum* da prática foram as reflexões em torno do termo cotidiano. Para Galheigo (2003), o cotidiano se apresenta como um conceito que inclui os aspectos pessoais e sociais da vida em um *continuum*. Essa autora discute o cotidiano como uma possibilidade de desvelar as diferentes camadas inerentes à vida do dia-a-dia, trazendo a marca da singularidade do sujeito, a partir de suas necessidades, valores, crenças e afetos e, também, a influência dos aspectos sociais, históricos e culturais que influenciam tais singularidades. Galheigo (*idem*) destaca que o cotidiano se

apresenta como uma categoria de análise que permite identificar elementos que possam promover transformação social.

Outra influência na construção da *ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional* foi o diagnóstico situacional, proposto pelo Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD) (BENETTON, 1994). O diagnóstico situacional pode ser compreendido como um diagnóstico descritivo e analítico, que oferece um mapa da situação do sujeito, no momento de seu acompanhamento em terapia ocupacional. Caracteriza-se por incluir todas as informações relativas às condições sociais, emocionais, biológicas, advindas de múltiplas fontes, mas principalmente, da observação da(do) terapeuta ocupacional. Embora o diagnóstico situacional pertença ao referencial teórico-metodológico do MTOD, ele foi utilizado como uma inspiração para a construção da ferramenta em formato de matriz, na qual várias informações pudessem se entrelaçar e facilitar o processo de reflexão.

A ferramenta possui, portanto, o objetivo de sustentar o processo de raciocínio profissional de terapeutas ocupacionais, visando sua melhoria, através da possibilidade de compreender questões do cotidiano da pessoa em acompanhamento que possibilitem análises e propostas de intervenções. Busca não se ater a referenciais teórico-metodológicos específicos, podendo ser utilizada de maneira ampla e genérica, da forma como a(o) profissional julgar necessário.

4 ESTRUTURA DA FERRAMENTA

A *ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional* está estruturada em sete domínios, que auxiliam a(o) terapeuta ocupacional a organizar as informações coletadas em torno das necessidades das pessoas acompanhadas. A ferramenta não prevê por quais meios tais informações podem ou precisam ser coletadas, oferecendo liberdade ao profissional para utilizar os instrumentos de coleta de dados que julgar mais adequados para cada caso. Assim, a(o) terapeuta ocupacional pode utilizar tanto ferramentas não-padronizadas, como entrevistas e observação, quanto instrumentos padronizados para avaliação de itens específicos; e organizar

essas informações na ferramenta reflexiva, quando julgar que é preciso *parar para pensar* sobre o caso. Além disso, os domínios podem ser utilizados em sua totalidade, mas não necessariamente para todos os casos. Profissionais podem decidir quais domínios são importantes para compreender as necessidades das pessoas em acompanhamento.

A ferramenta reflexiva possibilita, aos terapeutas ocupacionais, processos de reflexão sobre os casos acompanhados estabelecendo relações entre os diferentes aspectos - nomeados de domínios e que serão detalhados adiante – com o que é possível apreender sobre como a pessoa em acompanhamento, e as diferentes pessoas relevantes que participam de seu cotidiano, compreendem cada aspecto, favorecendo também a explicitação das reflexões da(o) terapeuta ocupacional, em torno das relações que ela(e) estabelece entre as informações referentes a cada questão e suas observações e reflexões sobre o caso. Como a ferramenta pauta-se em uma perspectiva narrativa e situada, as informações necessárias para compreender a situação, na qual a pessoa em acompanhamento se encontra, não devem permanecer centradas somente na pessoa em si mas, também, nas narrativas das pessoas que se relacionam e convivem com ela - como familiares, amigos, profissionais da equipe da ABS ou de outros serviços - ou seja, de todos os que participam e interferem na situação. Tais informações devem ser acessadas somente quando forem relevantes para o caso e com a permissão das pessoas em acompanhamento em terapia ocupacional. Portanto, cada domínio possui questões disparadoras, que auxiliam o profissional a refletir sobre os casos.

A seguir, serão apresentados os domínios, quais informações podem abarcar, com suas respectivas questões disparadoras. Sabemos que, na prática, o cotidiano e as relações que nele se estabelecem ocorrem de forma indissociável. Entretanto, a opção por expressar, separadamente, cada uma dessas dimensões, teve como objetivo explicitá-las, afirmá-las e facilitar a análise dos diferentes domínios, que podem repercutir no cotidiano da pessoa.

Ressaltamos, novamente, que a ferramenta possibilita ao profissional liberdade para utilizar as informações que julgar necessárias para o caso. Por exemplo, no domínio 1, “nos diversos aspectos que se fizerem relevantes”, é possível um olhar amplo para que o profissional utilize das informações que possuir, da forma que julgar necessário, podendo incluir aspectos emocionais,

físicos, sociais, entre outros, inclusive reflexões sustentadas por marcadores sociais da diferença.

Nas questões relativas às “pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)”, a(o) profissional pode utilizar as informações que julgar necessárias, podendo incluir quaisquer pessoas que convivam com a pessoa em acompanhamento e que sejam relevantes para o caso, sendo família, amigos, pessoas do trabalho, da escola, equipe do serviço de saúde, profissionais de outros serviços que também acompanhem o caso.

No domínio 7, sobre a proposta de intervenção, a(o) profissional pode propor intervenções pensado sobre diversas estratégias: ações específicas em terapia ocupacional, articulações em rede, discussões de caso, acionamento de outros serviços, o que julgar necessário para o caso em específico, além de poder organizar suas propostas em curto, médio ou longo prazo.

Para melhor organização do processo de reflexão e de análise das mudanças no processo em terapia ocupacional, sugere-se que a(o) profissional registre as datas nas quais fez uso da ferramenta reflexiva, para pensar sobre o caso, além dos dados da pessoa em acompanhamento, cuidando para não incluir dados sensíveis, que possam facilitar a identificação da pessoa em acompanhamento, caso tal registro torne-se, inadvertidamente, público.

4.1 Domínios e questões

Domínio 1: As percepções sobre a pessoa em acompanhamento (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes)

Este domínio foi considerado importante pelas participantes para que se possa reunir informações sobre como a pessoa é e como ela é vista pelas pessoas que convivem com ela. Muitas vezes, a pessoa em acompanhamento, chega para a terapia ocupacional encaminhada por outros profissionais e serviços, a partir da compreensão dos mesmos sobre ela e, tais informações, também compõem as possibilidades para ampliar a compreensão sobre como a pessoa é no mundo. Como relatado por uma das participantes da pesquisa de Gomes (2021), a TO06, os encaminhamentos chegam como "retratos 'prontos' [...] advindos de outras óticas, como por exemplo: aquele que adere ou não adere

ao tratamento clínico proposto pelo médico; aquele que, em determinada visita do agente comunitário, apresentou postura tal; aquele que os vizinhos que frequentam o posto comentam que tem bom ou mau relacionamento familiar [...]". A participante ainda pontuou que este domínio convida "a refletir sobre como alguém se vê, como as pessoas com quem esse alguém convive o veem (sua família, seus amigos, seus vizinhos e os próprios profissionais da UBS) e como nós, terapeutas, o vemos. Este 'exercício' contribui para um melhor delineamento de nossas próprias percepções que, como sabemos, devem ser o mais imparcial possível durante a relação/intervenção, tarefa que nem sempre é fácil de ser desempenhada."

Caso julgue importante, essa análise pode incluir marcadores sociais da diferença, questão cada vez mais relevante, em especial em países com grande desigualdade social, em termos de classe, raça e gênero (BIROLI; MIGUEL, 2015).

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: Como a pessoa em acompanhamento se percebe (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) e como ela acha que é percebida pelas pessoas relevantes em sua vida?

Questão 2: Quando houver essa informação, quais as percepções sobre a pessoa em acompanhamento (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) que outras pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) possuem?

Questão 3: Como você percebe a pessoa em acompanhamento (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes)? E quais são suas reflexões sobre o modo dela se perceber e ser percebida pelas pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)?

Domínio 2: Relações interpessoais

Este domínio foi considerado importante, pois permite refletir sobre a rede de suporte da pessoa em acompanhamento e sobre a qualidade das relações que a pessoa estabelece com as pessoas com as quais convive. A participação social não envolve somente a realização de atividades/ocupações significativas isoladamente, pois as relações interpessoais favorecem ou dificultam a realização do que é importante na vida e podem ser alvo das intervenções em terapia ocupacional. Além disso, processos de mudança repousam no

estabelecimento de uma relação de confiança com a(o) terapeuta ocupacional, e este domínio permite refletir sobre isso. A importância desse domínio pode ser expressa na seguinte fala da participante, TO06, da pesquisa de Gomes (2021): "Fiquei pensando, ao refletir sobre minha paciente, no que diz respeito a esse domínio, sobre o quanto o relacionamento dela comigo, e com os demais profissionais da equipe, é diferente. E sobre o quanto o olhar, se for cuidadoso, para as relações interpessoais de alguém, nos norteia sobre como tentar ajudá-la."

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: Como a pessoa em acompanhamento se expressa sobre seus relacionamentos? Como a pessoa em acompanhamento analisa suas relações?

Questão 2: Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) analisam o modo da pessoa em acompanhamento se relacionar com elas e com os demais?

Questão 3: Quais são suas reflexões sobre o modo da pessoa em acompanhamento se relacionar com você e com as demais pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)?

Domínio 3: Percepção do problema, das necessidades e do cuidado em terapia ocupacional

A proposta desta ferramenta reflexiva é oferecer uma compreensão ampla dos termos *problema* e *necessidade*, que permita a reflexão sobre as múltiplas dificuldades e percepções do terapeuta ocupacional sobre dificuldades e formas de enfrentamento. Como ilustração, o *problema* nomeado pode estar relacionado à doença, ao risco de adoecer, à experiência de sofrimento, à perda de funcionalidade, ao desejo de voltar a ser como antes do advento de alguma situação e a não enxergar outras possibilidades para sua vida - problemáticas imersas na situação real de vida, com conflitos familiares, dificuldades financeiras, entre outros. Na pesquisa de Gomes (2021), a TO03 ressaltou que este domínio é essencial para uma prática centrada na pessoa, à medida que permite refletir sobre "o que ela entende como problema/demanda". Outra participante, TO06, ressaltou que é "de extrema importância ouvir; para além de ouvir, escutar, escutar de maneira qualificada qual é a questão que traz sofrimento para o outro, a partir da sua própria ótica. Não que as preocupações

e colocações da equipe não sejam importantes, ou não tenham que ser levadas em consideração, mas que, o tempo todo, aquela abordagem faça sentido, primeiramente, para aquele que necessita do cuidado. E creio que, mais uma vez, o instrumento nos ajuda a não valorizar, de maneira despercebida, a percepção do problema por alguma das partes, em detrimento da(s) outra(s) (sujeito / pessoas com quem convive / terapeuta), caso essas percepções sejam diferentes entre elas."

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: O que a pessoa em acompanhamento narra como sendo seu problema? Como ela analisa esse problema? Ela consegue expressar quais necessidades possui? Ela vislumbra como pode cuidar dessas necessidades na terapia ocupacional?

Questão 2: Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) compreendem que é problemático para a pessoa em acompanhamento? Elas reconhecem necessidades da pessoa em acompanhamento e como essas necessidades podem ser cuidadas na terapia ocupacional?

Questão 3: Quais são suas reflexões sobre o que é considerado problema para a pessoa em acompanhamento e para as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)? E quais suas reflexões sobre o que é problemático e sobre as necessidades da pessoa em acompanhamento?

Domínio 4: Repercussão do problema no cotidiano.

Este domínio foi considerado importante pois permite refletir, diretamente, sobre o foco da intervenção em terapia ocupacional e analisar quais repercussões a situação, que está sendo considerada problemática, opera no cotidiano da pessoa, em seus múltiplos aspectos, como ressalta a participante TO04, da pesquisa de Gomes (2021): "Penso que esse domínio traz uma especificidade da terapia ocupacional, que é o olhar para o cotidiano e a importância da leitura do impacto do problema nesse cotidiano. O terapeuta ocupacional pode contribuir para uma elaboração crítica desse cotidiano, refletindo sobre suas determinações e contribuindo para sua ressignificação."

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: Como a pessoa, em acompanhamento, narra como o problema interfere em seu cotidiano, altera a realização do que ela diz que precisa ou que deseja fazer nos diferentes contextos nos quais vive?

Questão 2: Quando houver essa informação, como pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) narram as repercussões do problema no cotidiano?

Questão 3: Quais são suas reflexões sobre a repercussão do problema no cotidiano da pessoa em acompanhamento?

Domínio 5: Território e a cidade

Este domínio foi considerado muito importante pelas participantes da pesquisa de Gomes (2021), pois ressalta que a intervenção em terapia ocupacional almeja que as pessoas possam participar da vida social e que a análise do que facilita e dificulta essa participação abarca pensar sobre a cidade, sobre os territórios nos quais as pessoas podem e desejam realizar suas atividades, como pode ser visto nos trechos: "Excelente pergunta, pois é no território em que penso a atuação do projeto terapêutico para além do seio familiar, pois é por lá que se espera que a paciente circule e desenvolva relações e habilidades." (TO01), e também "Muito importante para a tessitura da rede de suporte, tão necessária para alguém em sofrimento psíquico." (TO06).

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: Como a pessoa em acompanhamento se expressa sobre como vive em seu bairro e/ou sua cidade? Quais espaços são reconhecidos como importantes para ela? Nesses espaços, ela reconhece facilidades e barreiras para sua participação?

Questão 2: Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) narram sobre facilidades e barreiras para a participação da pessoa em acompanhamento em espaços considerados importantes em seu cotidiano?

Questão 3: Quais são suas reflexões sobre a participação da pessoa em acompanhamento em seu bairro e cidade? Há algum espaço (social e cultural) que apresenta necessidade de mudança para ampliar a participação da pessoa em acompanhamento?

Domínio 6: A relação da pessoa em acompanhamento com suas atividades cotidianas^{1**}

Este domínio foi considerado essencial para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional, pois permite refletir sobre múltiplas dimensões das relações das pessoas em acompanhamento com as atividades em sua vida, de forma ampliada e contextualizada, valorizando informações sobre dificuldades, mas também sobre as potencialidades das pessoas nas relações com as atividades. As participantes da pesquisa de Gomes (2021) ressaltam que este domínio explicita uma das demandas mais comuns para encaminhamentos para terapia ocupacional, e que, perceber tais relações, sob diferentes pontos de vista, podem potencializar o raciocínio profissional, como refere a TO04: "Penso que esse domínio aborda uma especificidade da terapia ocupacional que é a atividade (estou entendendo enquanto um dispositivo clínico, que materializa a potência da TO em ato [...] vejo que esse domínio auxilia no resgate e reconhecimento das potências desse usuário."

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: Quais atividades a pessoa em acompanhamento considera que faz ou não faz bem? Quais atividades ela considera que lhe trazem ou não lhe trazem bem-estar? Quais atividades ela realizava e não realiza mais e quais são as repercussões (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) delas não serem mais realizadas? Quais atividades ela gostaria de realizar?

Questão 2: Quando houver essa informação, quais atividades as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) consideram que a pessoa em acompanhamento faz ou não faz bem? Quais atividades consideram que lhe trazem ou não lhe trazem bem-estar? Quais atividades, a pessoa em acompanhamento, realizava e não realiza mais, e quais são as repercussões (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) delas não serem mais realizadas, na compreensão das pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)? Quais as expectativas das pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) sobre as atividades que ela gostaria ou poderia de realizar?

Questão 3: Quais são suas reflexões sobre as atividades da pessoa em acompanhamento em termos de sua realização, bem-estar, crenças e valores, significados, desejos e expectativas?

Domínio 7: Integração do Raciocínio Profissional.

¹ A depender do referencial do profissional, pode-se utilizar o termo ocupação.

Este domínio foi considerado importante, pois favorece o processo de raciocínio profissional, de tomada de decisão, de ampliação da consciência das escolhas que podem ser realizadas pela(o) profissional para delinear a intervenção. A ferramenta reflexiva permite que a intervenção seja baseada na(s) pessoa(s) e favorece a reflexão para integrar informações provenientes de evidências científicas e de evidências baseadas na prática, sem definir, a priori, quais referenciais teóricos e metodológicos a(o) profissional deve utilizar. Além disso, este domínio, ao incluir questões abertas, para que a(o) terapeuta ocupacional possa construir um raciocínio diagnóstico em terapia ocupacional, abarcando a identificação das necessidades da pessoa em acompanhamento e um raciocínio profissional que busque delinear propostas de intervenção, também permite pensar sobre propostas de curto, médio e longo prazo, sejam elas específicas ou compartilhadas, e que ocorram nos múltiplos contextos. A participante da pesquisa de Gomes (2021), TO04, pontua que a ferramenta reflexiva "traz uma segurança sobre o que olhar, não enquanto um guia de entrevista, e sim, no momento de pensar no caso e nas propostas de intervenção; traz termos caros para a terapia ocupacional, e da atuação mais nuclear da profissão [...] chamando a atenção para o cotidiano e atividade [...]."

As questões que favorecem a reflexão sobre este domínio são:

Questão 1: O que parece estar trazendo dificuldades para a pessoa em acompanhamento?

Questão 2: Qual pode ser uma proposta de intervenção (nos diferentes aspectos que se fizerem relevantes)?

5 A FERRAMENTA REFLEXIVA

Abaixo, em sua versão final, a ferramenta reflexiva (**Figura 1**), com seus respectivos domínios e questões.

Figura 1 - Ferramenta Reflexiva para Sustentar o Raciocínio Profissional em Terapia Ocupacional



VEJA MAIS
Acesse o aqui e veja o Manual da ferramenta.

Ferramenta Reflexiva para Sustentar o Raciocínio Profissional em Terapia Ocupacional

 <p>As percepções sobre a pessoa (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes)</p>	Como a pessoa em acompanhamento se percebe (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) e como ela acha que é percebida pelas pessoas relevantes em sua vida?	Quando houver essa informação, quais as percepções sobre a pessoa em acompanhamento (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) que outras pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) possuem?	Como você percebe a pessoa em acompanhamento (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes)? E quais são suas reflexões sobre o modo dela se perceber e ser percebida pelas pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)?
 <p>Relações interpessoais</p>	Como a pessoa em acompanhamento se expressa sobre seus relacionamentos? Como a pessoa em acompanhamento analisa suas relações?	Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) analisam o modo da pessoa em acompanhamento se relacionar com elas e com os demais?	Quais são suas reflexões sobre o modo da pessoa em acompanhamento se relacionar com você e com as demais pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)?
 <p>Percepção do problema, das necessidades e do cuidado em terapia ocupacional</p>	O que a pessoa em acompanhamento narra como sendo seu problema? Como ela analisa esse problema? Ela consegue expressar quais necessidades possui? Ela vislumbra como pode cuidar dessas necessidades na terapia ocupacional?	Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) compreendem que é problemático para a pessoa em acompanhamento? Elas reconhecem necessidades da pessoa em acompanhamento e como essas necessidades podem ser cuidadas na terapia ocupacional?	Quais são suas reflexões sobre o que é considerado problema para a pessoa em acompanhamento e para as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)? E quais suas reflexões sobre o que é problemático e sobre as necessidades da pessoa em acompanhamento?
 <p>Repercussão do problema no cotidiano</p>	Como a pessoa em acompanhamento narra como o problema interfere em seu cotidiano, altera a realização do que ela diz que precisa ou que deseja fazer nos diferentes contextos nos quais vive?	Quando houver essa informação, como pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) narram as repercussões do problema no cotidiano?	Quais são suas reflexões sobre a repercussão do problema no cotidiano da pessoa em acompanhamento?
 <p>Território e a cidade</p>	Como a pessoa em acompanhamento se expressa sobre como vive em seu bairro e/ou sua cidade? Quais espaços são reconhecidos como importantes para ela? Nesses espaços, ela reconhece facilidades e barreiras para sua participação?	Quando houver essa informação, como as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) narram sobre facilidades e barreiras para a participação da pessoa em acompanhamento em espaços considerados importantes em seu cotidiano?	Quais são suas reflexões sobre a participação da pessoa em acompanhamento em seu bairro e cidade? Há algum espaço (social e cultural) que apresenta necessidade de mudança para ampliar a participação da pessoa em acompanhamento?
 <p>A relação da pessoa com suas atividades cotidianas**</p>	Quais atividades a pessoa em acompanhamento considera que faz ou não faz bem? Quais atividades ela considera que lhe trazem e não lhe trazem bem-estar? Quais atividades ela realizava e não realiza mais, e quais são as repercussões (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) delas não serem mais realizadas? Quais atividades ela gostaria de realizar?	Quando houver essa informação, quais atividades as pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) consideram que a pessoa em acompanhamento faz ou não faz bem? Quais atividades consideram que lhe trazem e não lhe trazem bem-estar? Quais atividades a pessoa em acompanhamento realizava e não realiza mais, e quais são as repercussões (nos diversos aspectos que se fizerem relevantes) delas não serem mais realizadas na compreensão das pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes)? Quais as expectativas das pessoas relevantes em sua vida (família, amigos, equipes) sobre as atividades que ela gostaria ou poderia de realizar?	Quais são suas reflexões sobre as atividades da pessoa em acompanhamento em termos de sua realização, bem-estar, crenças e valores, significados, desejos e expectativas?
 <p>Integração do Raciocínio Profissional</p>			
<p>○ que parece estar trazendo dificuldades para a pessoa em acompanhamento? Quais suas necessidades? Quais suas potencialidades?</p>			
<p>Qual pode ser uma proposta de intervenção (nos diferentes aspectos que se fizerem relevantes)?</p>			

* Caso julgue importante, essa análise pode incluir marcadores sociais da diferença. **A depender do referencial do profissional, pode-se utilizar o termo ocupação.

Fonte: Elaboração das autoras, 2021

6 ADVERTÊNCIA

Ressaltamos, novamente, que a ferramenta *reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional* deve ser utilizada **somente** por terapeutas ocupacionais, para sustentar seus processos reflexivos em torno das situações práticas com às pessoas em acompanhamento. Esta ferramenta não foi desenvolvida para uso público, como anexação em prontuários.

6 REFERÊNCIAS

BENETTON, M. J. **A terapia ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental**. 1994. 190 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça e classe: opressões cruzadas e convergência na reprodução das desigualdades. **Mediações**, Londrina, v. 20 n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015.

BROEIRO, P. Multipatologia - o raciocínio clínico e a tomada de decisão: aquisição da competência. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, [S.l.], v. 17, n. 4, jul. 2001. ISSN 2182-5181. Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.32385/rpmgf.v17i4.9851>.

DELLA BARBA, P. C. S. *et al.* Formação inovadora em Terapia Ocupacional. **Interface**, v.16, n.42, p.829-42, jul./set. 2012.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-Social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-9, set./dez. 2003.

GOMES, L. D. **Vamos refletir sobre a prática? Apresentação de uma ferramenta reflexiva para sustentar o raciocínio profissional em terapia ocupacional**. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional), Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

HIGGS, J.; JENSEN, G. M. Clinical Reasoning. *In*: Higgs, J.; Jensen, G. M.; Loftus, S.; Chirstensen, N. (ed.). **Clinical Reasoning in the Health Professions**. Elsevier, 2019. P.48-69.

MARCOLINO, T. Q. Reflexões sobre a investigação do raciocínio clínico em terapia ocupacional em saúde mental: o caso do Método Terapia Ocupacional Dinâmica. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 635-642, 2014.

MARCOLINO, *et al.* Comunidade de prática em terapia ocupacional para o cuidado em saúde mental na atenção básica em saúde: expectativas e impactos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 733-741, 2016.

MARCOLINO, T. Q. *et al.* A Community of Practice of primary health care occupational therapists: Advancing practice-based knowledge. **Australian Occupational Therapy Journal**, 2020; 00:1–9. Disponível em: DOI: 10.1111/1440-1630.12692.

MATTINGLY, C. What a clinical reasoning? **American Journal of Occupational Therapy**, v. 45, p. 979-986, nov. 1991.

SCHELL, B. A. B.; SCHELL, J. W. Professional reasoning as the basis of practice. *In*: SCHELL, B. A. B.; Schell, J. W. (ed.). **Clinical and professional reasoning in Occupational Therapy**. 2nd ed. [s.l.]: Wolters Kluwer, 2018. p. 3-22.

ULRICH, N. M. Raciocínio diagnóstico em terapia ocupacional em saúde mental na Atenção Básica em Saúde: construções em uma Comunidade de Prática. Trabalho de conclusão de curso. UFSCar, 2015.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.